

VOZ E FALA NO TEATRO DE ANIMAÇÃO



<http://dx.doi.org/10.5965/2595034701192018021>

QUE VOZ É ESSA?

Na percepção da animação teatral, a qualidade da voz e a fala cumprem importante papel. Junto ao movimento e à forma, a voz e a fala compõem os meios elementares para acionar a imaginação da autonomia no objeto. A voz e a fala, como limites a serem transpostos, podem se apresentar como invocação, como estado de permanência no mundo, podendo emanar sentimentos por meio de sua intangibilidade. Mas que voz e que fala são essas, uma vez que o corpo do boneco é um corpo inumano, estranho? Que sons, articulados ou não pelo ator/atriz, podem representar, expressar a ideia desses corpos ficcionados na cena? E também, que consequências a repressão e/ou a supressão da voz e da fala podem provocar no espetáculo? Marie Garré-Nicoara defende que

a escolha do boneco permite instaurar em cena outros corpos que perturbam (ou enriquecem) a relação entre a voz emitida e o corpo que porta esse discurso. Assistimos a um descentramento da voz em relação ao corpo, voz que emana de um corpo para animar um outro¹ (GARRÉ-NICOARA, 2014, p. 222)².

¹ “*Le choix de la marionette permet d’instaurer sur scène d’autres corps qui perturbent (ou enrichissent) le rapport entre la voix émise et le corps qui porte ce discours. On assiste à un décentrement de la voix par rapport au corps, voix qui émane d’un corps pour en animer un autre*” (Trad. nossa)

Para a autora, o teatro de bonecos contemporâneo explora muito bem esse jogo de mudanças de referências, ampliando o campo das possibilidades, no qual “a voz floresce em um intervalo, um espaço “entre-dois” que libera a escuta de textos contemporâneos, cria outro espaço para sua recepção”³ (GARRÉ-NICOARA, 2014, p. 223).

Interrogar-se sobre a voz é uma das grandes questões no teatro de bonecos. Qual a voz dos objetos animados? Como preparar a voz do ator/atriz? Como conceber a voz e a fala do personagem animado? Como dar voz à matéria? Quais os atuais recursos tecnológicos e seus usos para amplificar, distorcer e multiplicar a voz do ator/atriz? Quais seus benefícios e seus pontos de conflito? Quais as similaridades e diferenças entre o uso da voz microfonada, a voz ao vivo e a voz pré-gravada? O que representa cada uma delas e qual suas potências na cena? Como a voz do contador(a) de histórias pode animar os objetos? De que forma os objetos animados potencializam a atuação da voz e da fala do ator/atriz? Que caráter podem assumir as deformações verbais e as onomatopeias no objeto animado? Que efeitos produzem no espetáculo? Qual o espectro que a voz pode abranger, o que pode significar, expressar, representar? Quais as diversas dimensões que a voz do boneco pode assumir nas variadas culturas? Qual o alcance da voz e da fala como meio de animação? As formas de teatro popular utilizam recursos próprios ou especiais? Quais são os possíveis processos para montagem de musicais em Teatro de Formas Animadas?

Nosso objetivo nesta edição foi instigar não apenas as questões aqui levantadas, mas também provocar novas indagações

² GARRÉ-NICOARA, Marie. La voix articulée au(x) corps marionnettique(s): L'exemple de La chair de l'homme de Valère Novarina par la compagnie Tsara. In: LE PORS, Sandrine; LONGUENESSE, Pierre. **“Où est ce corps que j'entends?” Des corps et des voix dans le théâtre contemporain.** Études littéraires corps et voix. Arras: Artois Presses Universitaires, 2014, p. 221-31)

³ “*Dans l'art de la marionnette, la voix s'épanouit dans un écart, un espace "entre-deux" qui libère l'écoute des textes contemporaines, crée un autre espace pour leur réception*” (Trad. nossa)

e problemáticas em diferentes perspectivas dentro dessa temática.

Longe de dar conta de todos os aspectos que poderiam ser abordados a partir do estudo da voz e da fala dos bonecos e distante de esgotar as possíveis interpretações do que elas constituem ou representam, esta 19ª. edição da Revista Móin-Móin conjuga uma série de diversificadas reflexões acerca da potência de comunicação dos atores-animadores e dos bonecos segundo variados meios expressivos da arte da animação.

A contribuição dos autores brasileiros, nesta edição, traz alguns aspectos constituintes da cultura popular brasileira, apontados tanto na entrevista de **Chico Simões** (Distrito Federal - Brasil) concedida à Isabella Irlandini (Santa Catarina – Brasil) quanto por **Rafael Sol** (Minas Gerais – Brasil), sob o ponto de vista dos artistas, bem como a representação da voz feminina no teatro popular do nordeste questionada por **Cássia Macieira** (Minas Gerais – Brasil) e as qualidades da voz como ferramenta no trabalho do Mestre mamulengueiro Heraldo Lins, por **Zildalte Ramos de Macêdo** (Rio Grande do Norte – Brasil).

Já Roberto Gorgati (Santa Catarina – Brasil) nos apresenta a materialidade do verbo impressa em um objeto encontrado, destacando as ações por ele sofridas como lugar de fala, de tal forma a refletir poeticamente sobre a expressão do material como leitura subjetiva de signos. **Leandro Alves** (Rio Grande do Sul – Brasil) aborda a voz destacando o silêncio e a escuta como elementos constituintes da arte bonequeira, inspirado pelo estudo de Roland Barthes. **Isabella Irlandini** também nos apresenta seu texto, no qual analisa a fala na obra de Obraztsov, artista russo que influenciou profundamente o teatro de bonecos contemporâneo, evidenciando alguns conflitos sobre este tema presentes em sua criação artística.

Entre os colaboradores internacionais, temos:

Patrícia Frenkel (Argentina), que traz uma perspectiva de preparação para a voz do ator, enfatizando o desbloqueio da expressão vocal como procedimento, baseada na bioenergética de Alexander Lowen.

Bruno Leone (Itália) reporta, a partir de sua experiência pessoal, o ato da fala na constituição da identidade de Polichinelo, célebre personagem do teatro de bonecos da tradição napolitana.

Kathy Foley (EUA) acerca-se da questão da vocalização para o teatro de bonecos, abordando aspectos pertinentes às características do *wayang golek*, forma teatral tradicional da Indonésia.

Ioanna Papageorgiou e **Thomas A. Agrafiotis** (Grécia) elucidam a estética e as principais características do discurso e da voz nas performances de *Karaghiozis*, teatro de sombras tradicional grego, dando ênfase a seu repertório cômico do final do século XIX e primeira metade do século XX.

Neste ano de 2018, por meio do Programa de Extensão Formação Profissional no Teatro Catarinense, da UDESC, conseguimos lançar todas as edições da Móin-Móin no Portal de Periódicos da UDESC, através da Plataforma SEER, registrando o DOI de todos os artigos das antigas edições e abrindo chamadas online para as publicações. Esta ação coincide com a troca da equipe editorial da revista. Portanto, não podemos deixar de homenagear, nesta edição, a tenacidade inquebrantável do Prof. Valmor Níni Beltrame, o qual, como editor, colaborou profundamente com a pesquisa em Teatro de Animação no Brasil e que agora deixa o posto para passar a colaborar atuando no Comitê Consultivo da revista. Também não poderíamos deixar de agradecer todas as parcerias que tornaram possível o acesso ao conteúdo das revistas, em versão impressa e digital nesses últimos treze anos: SCAR- Sociedade Cultura Artística de Jaraguá do Sul, FUNARTE – Fundação Nacional de Artes, ABTB – Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, UNIMA – *Union Internationale de la Marionnette* e todo elenco de professores, universidades, artistas, pesquisadores e autores colaboradores.

À guisa de conclusão, cabe contextualizar a escolha do tema neste conturbado momento político em nosso país: Como a arte se manifesta e o que tem a dizer? Como praticamos a fala e o diálogo? Nesses aspectos, pensar a voz como um eficaz instrumento

de influência na comunicação humana e de expressão de ideias e sentimentos nos parece adequado. Acreditamos que a metáfora de uma fala descentrada e fragmentada, de uma fala de múltiplos corpos e vozes manipulados e manipuladores, de uma fala sobre-humana ou inumana, vinculada à potência que a arte dos bonecos possui para discursar é extremamente relevante, pois pode representar a força de expressão do artista, apresentando a voz do povo.

Esperamos que você possa desfrutar das reflexões aqui apresentadas e que elas lhe inspirem a aprofundar pesquisas que orbitem sobre esta rica temática que é a voz e a fala no Teatro de Animação.

Fabiana Lazzari de Oliveira (UDESC)

Paulo Balardim (UDESC)